Cabo Verde na rota de Cabral (II)

"O nosso país jamais será base de forças militares estrangeiras"

José Freire Antunes
Enviado especial

A política externa de Cabo Verde suscita o reparo esmiuçado dos aerópagos internacionais. Não por mor das riquezas, escassas para tornar o país um alvo privilegiado das multinacionais, mas tendo em conta a situação estratégica vital do arquipélago, preciosa escala aérea e marítima em tempo de guerra, onde avultam o porto do Mindelo e o aeroporto do Sal.

É conhecida a declaração de Henry Kissinger, ex-secretário de Estado norte-americano, segundo a qual, não podendo controlar Cabo Verde, os Estados Unidos deveriam, de sobremaneira, impedir que o país adviesse uma colónia da União Soviética. Neste delicado contexto os dirigentes cabo-verdianos tiveram que traçar a sua conduta externa.

O programa mínimo do Governo, no concernente á política internacional, postulado por Pedro Pires em Julho de 1975 e aplicado em dois anos de independência, surge, para alguns, como um caso exemplar de equilíbrio e maturidade políticos.

Cabo Verde jamais será utilizado como ponto de apoio para a agressão contra quem quer que seja, asseverou então o primeiro-ministro.

A adopção dos princípios da ONU (**na defesa dos países pobres**), a participação na OUA (**para que seja um instrumento eficaz**), as relações especiais com os países onde existem colónias de emigrantes (**a fim de mantê-los em ligação estreita com a mãe-pátria**) e a política de não alinhamento (**Cabo Verde pertence ao grupo de países não alinhados do Terceiro Mundo**)... foram orientações preconizadas.

Em especificação do não alinhamento internacional, Pedro Pires citava Amílcar Cabral: **Somos não alinhados no plano internacional, mas dentro da nossa terra somos profundamente alinhados com os interesses do nosso povo.** Como tem sido aplicada esta divisa?

Ter sempre a última palavra

Dois anos depois, Pedro Pires reafirma-nos a disposição de o seu Governo em cooperar com todos os países.

A única exigência que fazemos, diz, é que essa cooperação **seja sem condições. Não aceitamos nenhum auxílio que tenha como objectivo limitar-nos neste ou naquele aspecto. Queremos ter sempre a última palavra e nós é que decidimos sempre em que sector vai ser aplicado o apoio de qualquer país.**

Na verdade, a enumeração de alguns dos mais recentes contactos externos do Governo de Cabo Verde são em si só um testemunho elucidativo dessa actuação, que bebe o seu fundamento nos princípios programáticos do PAIGC, formulados aquando da sua geenese e constantemente repisados por Amílcar Cabral. O PAIGC definiu uma ética de ajuda que consiste em síntese no seguinte: nunca pedir ajuda de que necessita de facto, mas esperar que cada um, em consciência, dê a ajuda que pode dar.

Observe-se, pois, o intenso labor diplomático, a partir de Maio.

O primeiro embaixador da Grã-Bretanha em Cabo Verde, Powell Jones, apresenta credenciais a Aristides Pereira. Manifesta o desejo de estreitar contactos na navegação e comunicações. Refere o interesse com que o Governo britânico acolheu a adesão de Cabo Verde á Convenção de Lomé (que estabelece relações preferenciais, entre os seus signatários da Africa, Caraíbas e Pacífico, com o Mercado Comum). Exprime a vontade inglesa de ajudar Cabo Verde no combate á seca.

O ministro francês da Cooperação, Robert Galley, visita o país e acorda auxílios em diversos sectores, nomeadamente na valorização agrícola de S. Nicolau, fornecimento de trigo, apoio pesqueiro, cooperação na Informação (formação de quadros e cobertura do país, em três anos, com uma rede de radiodifusão em frequência modelada), ensino do francês.

Uma missão cabo-verdiana, chefiada pelo ministro da Educação, Carlos Reis, visita o Brasil. A Imprensa brasileira dá grande desfaque á recepção oferecida pelo presidente Geisel. Uma missão brasileira, note-se, estivera no país em Junho de 1976. Carlos Reis é agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco. É celebrado um acordo de cooperação no campo da previdência social e cooperação técnica e científica. O porto do Mindelo será utilizado por barcos brasileiros.

O director da Escola Naval Infante D. Henrique, de Portugal, visita Cabo Verde e elabora um programa de cursos.

Carmen Pereira, do Comité Executivo de Luta do PAIGC, e Abílio Duarte, ministro dos Negócios Estrangeiros, visitam a China. O segundo é recebido por Hua Kuo-Feng, que envia saudações para Aristides Pereira — **um velho e respeitado amigo do povo chinês**, nas suas palavras. Uma delegação chinesa visitará Cabo Verde e mulheres cabo-verdianas irão á China. Kuo-Feng fornece a Abílio Duarte a sua versão acerca do problema com o apelidado «Bando dos Quatro» e quanto ao Terceiro Mundo. Abílio Duarte diz que a China tem responsabilidades no Mundo que não são necessariamente as de Cabo Verde.

No «Voz di Povo» é dado relevo á nomeação de Brejnev para o cargo de presidente do Soviete Supremo. Uma delegação do PAIGC, integrando José Araujo e Olívio Pires, visita a URSS, a RDA e a Argélia, países que se notabilizaram no apoio material á luta pela independência.

Pedro Pires ao «DN»: «É preciso ter coragem para remar contra a corrente»

O governador do Banco de Cabo Verde participa, nas Ilhas Mauricias, na 13.ª Assembleia do Banco Africano de Desenvolvimento e na 4.ª Assembleia do Fundo Africano de Desenvolvimento.

Cabo Verde e URSS assinam um acordo de cooperação cultural, científica e técnica.

Aristides Pereira recebe o ministro da Defesa de Timor Leste e membro do Comité Central da Fretilin, Rogério Lobato.

Cornélio Silva, novo embaixador de Portugal, apresenta credenciais, exprimindo a Aristides Pereira o desejo da melhor cooperação.

Os Estados Unidos e Cabo Verde assinam um acordo segundo o qual a AID (Agência para o Desenvolvimento Internacional) fornecerá um auxílio de 10 mil toneladas de milho e 1500 toneladas de arroz, no valor de 800 mil dólares.

Aristides Pereira visita Moçambique, onde manifesta a Samora Machel a solidariedade de Cabo Verde contra a agressão da Rodésia.

Uma delegação da República Federal Alemã visita o país. A RFA participa em projectos no Monte Genebra e Nossa Senhora do Socorro, Brava e S. Jorge dos Orgãos (construção de um laboratório de protecção vegetal). Pedro Pires participa na reunião da OUA, no Gabão.

Um painel inequívoco.

Prestígio internacional

Na óptica de Pedro Pires, esta conduta externa, alicerçada na independência de acção e pensamento, granjeou ao seu Governo, um **prestígio internacional que nos permite encarar o futuro com um optimismo realista.**

Condenando, por outro lado, a repressão que o Governo de Vorster exerce sobre africanos na própria Africa do Sul, Pedro Pires disse-nos: **Apoiamos os países da Linha da Frente contra a agressão dos racistas da Africa do Sul e do regime minoritário da Rodésia e apoiamos os movimentos de libertação nacional.** O primeiro-ministro cabo-verdiano sustentou também que a tensão entre outros países do continente africano não serve os objectivos de construção de uma Africa progressista.

Aristides Pereira, por seu turno, ao fazer-nos o balanço de dois anos de independência, sublinhou a intensa actividade diplomática imposta pelas dificuldades do país, a qual, nota, se processou no quadro de não alinhamento, e acrescentou:

Desde o Governo de Transição que vimos procurando meios para enfrentar a crise da seca e outros problemas. A nossa cooperação tem-se desenvolvido de forma satisfatória com a ONU e com vários países e organizações, com as quais, antes da independência, não tínhamos relações, nomeadamente os Estados Unidos, a Alemanha Federal, a Suécia, a Holanda e o Mercado Comum e outros, que querem ajudar-nos.

Voltando á questão da solidariedade para com os povos da Africa Austral que se opõem aos regimes racistas, há uma afirmação muito significativa de Pedro Pires, no teor da qual, a melhor contribuição que Cabo Verde poderá dar aos movimentos de libertação é **liquidar a miséria, a ignorancia, a exploração da nossa terra, fortalecer e criar uma economia forte para que sejamos fortes. Sendo mais fortes, a Africa será mais forte.**

A vida quotidiana nas ruas da Praia e do Mindelo ilustra claramente essa espécie de fraternidade universal em relação ao Cabo Verde independente e em reconstrução. Deparam-se-nos professores da Holanda, técnicos comerciais da China, viajantes de Portugal, diplomatas da União Soviética, suecas em férias, estudantes de Angola, comerciantes da Guiné.

Um caixeiro viajante português duma fábrica de têxteis do Norte, a Somelos, afirmou-nos que as vendas subiram em Cabo Verde, onde se desloca regularmente, abastecendo o comércio local, com prazos muito favoráveis de pagamento.

Um comerciante da Guiné, português radicado, veio ao Mindelo em prospecção de mercados e mostrou-nos o seu optimismo, salientando, no entanto, que as transformações sociais na Guiné se operaram mais rápida e profundamente do que em Cabo Verde.

Vêem-se «jeeps» russos com soldados das FARP, que envergam algumas peças deixadas pelo Exército português: come-se fruta da Africa do Sul, fuma-se tabaco português, vestem-se camisas de Dakar.

Aviões e laranjas da Africa do Sul

Um «ponto quente» para os jornalistas estrangeiros que visitam Cabo Verde, na expressão de um responsável com quem falei, é a utilização, pela companhia aérea sul-africana SAA, do Aeroporto Amílcar Cabral, na ilha do Sal.

Construído em 1966, é o único aeroporto que recebe aparelhos de longo curso e dispõe de instalações aptas a um tráfego mais intenso que o actual. Escalam aqui 15 aviões da South African Airways por semana; 13 provêm de Joanesbrugo, 2 de Nova Iorque, com destino a Londres, Francoforte, Amesterdão, Paris.

Quem nos informa disto é um funcionário cabo-verdiano dos escritórios locais da SAA, que nos comenta, a propósito: **É como estarmos atrás de um balcão a vender produtos. Eles pagam bem.** Jovem politizado, o funcionário mostra-se perfeitamente convicto de que é o interesse do país o que está em causa.

Pedro Pires, ao expôr-nos as linhas mestras da política externa de Cabo Verde, exactamente numa das salas do Aeroporto Amílcar Cabral, apontaria o facto como exemplo do realismo, do pragmatismo e, também, da coragem política do seu Governo.

É preciso ter coragem de remar contra a corrente, contra o que é mais bonito e pode parecer mais revolucionário. Mas o que é mais revolucionário para nós? É fechar o Aeroporto ou é construir o nosso país? É aumentar o indice de desenvolvimento ou diminuí-lo? Claro, não se podem ignorar todas as relações que a Africa do Sul tem no Mundo, nem os interesses dos que fazem tudo para manter o seu regime. Quando digo que se trata de realismo, quero dizer que outros teriam receio de deixar passar os aviões sul-africanos, para não serem apodados de reaccionários, aliados dos racistas e de falta de solidariedade com os movimentos de As razões da nossa atitude não são somente económicas. Quando fazemos uma análise, ela deve ser global. O que é mais importante? Será consolidar o Poder, consolidar a independência, lançar as bases do nosso desenvolvimento ou tomar medidas que nos colocassem na vanguarda da luta contra a Africa do Sul? Isto, sem prejuízo da nossa posição clara contra a situação na Africa do Sul. E é bom frisar que não temos nenhuma relação política com aquele país — nenhuma! Não os conhecemos e eles não nos conhecem. Não fazemos nenhuma concessão política, disse-nos Pedro Pires.

É evidente a necessidade que Cabo Verde tem do dinheiro pago pela SAA, receita preciosa do Estado. No raso verbalismo de políticos de última hora, uma tal atitude é censurável; mas para os governantes de Cabo Verde, o que está em causa é a sobrevivência do país e são metas tão simples e essenciais como dar de comer e de trabalhar ao povo.

Ademais, faz-nos notar um estudante cabo-verdiano, será caso mais adverso o que se regista com a exploração petrolífera da Gulf Oil em certos quadrantes da Africa, ou o pudor da falsa virgem de países africanos, ao intentarem camuflar as relações económicas que contraem com a Africa do Sul?

Em política, lembra um responsável cabo-verdiano, há uma táctica e uma estratégia, um programa mínimo e objectivos a longo prazo. **Na nossa luta de libertação nacional, diz-nos Pedro Pires, houve sempre uma constante busca da verdade e das análises correctas. Daí nasceu um certo rigor de pensamento e de acção. Não é correcto aquilo que não nos serve.**

O Governo cabo-verdiano tem, por outro lado, atitudes inequívocas quanto á situação na Africa Austral, condenando sem rebuço os regimes racistas de Vorster e Smith. Dois factos recentes o ilustram: a viagem de Aristides Pereira a Moçambique e a representação do PAIGC na Conferência Mundial contra o Apartheid, o Racismo e o Colonialismo, que decorreu em Lisboa.

Como actuam os sul-africanos da SAA? As tripulações têm instruções rigorosas da companhia para se mostrarem amáveis e delicados em Cabo Verde, não abordando, nem ao de leve, questões políticas. Segundo conta o nosso interlocutor dos escritórios da SAA, um elemento de uma das tripulações sul-africanas, embriagado, prestou-se, outro dia, a cenas menos discretas, intentando despir-se e soltando impropérios em plena aerogare. Nunca mais tornou a Cabo Verde.

A SAA precisa da escala no Sal, a mais importante nas viagens para a Europa. Embora, conforme nos informaram, a companhia tenha já encomendado aviões «Jumbo», que dispensam escala, cobrindo duma vez só as 16 ou 17 horas de Joanesburgo á Europa; então, os sul-africanos deixarão de precisar do transbordo no Sal, o que por enquanto não sucede.

O pessoal da companhia, que é rendido no Sal, por tripulantes frescos, instala-se a vinte quilómetros do aeroporto, numa aprazível estalagem, junto á praia de Santa Maria. Tudo o que se come aqui é sul-africano, das laranjas á carne. A estalagem é propriedade de uma francesa, Genevieve Vancquier, que tem relações normais com o Governo.

As boas relações com Portugal

Uma notável constante nas palavras dos responsáveis com que nos encontrámos é o desejo caloroso em manter com Portugal as melhores e mais transparentes relações de amizade.

Inúmeros laços unem o Cabo Verde soberano ao «Portugal renovado», para utilizar a expressão do embaixador Corsino Fortes. Antes de mais, a colónia cabo-verdiana em Portugal, a qual, por si só, requereria uma relacionação específica, á luz do próprio programa do Governo do PAIGC.

O processo que conduziu á independência da Guiné e de Cabo Verde deixou muito menos cicatrizes. A Guiné era um território inequívoca e vastamente libertado, reconhecido por numerosos países como nação soberana e, nessas condições, ilegalmente ocupado pelo Governo marcelista; e Cabo Verde por inerência, um país irmão da Guiné, com as mesmas raízes de sangue, afinidades inapagáveis e o mesmo partido.

Por outro lado ainda, o tipo de colonização levado a cabo na Guiné e em Cabo Verde não foi semelhante ao de Angola ou de Moçambique. Aqui povoou, explorou e convenceu colonos da eternidade da exploração; na Guiné e em Cabo Verde dominou por via militar e administrativa, deparou historicamente com mil oposições dos povos locais e não se enraizou tanto. O colonialismo findou aqui de morte mais natural.

Não se vislumbra, entre o povo de Cabo Verde, qualquer gesto de hostilidade para com os portugueses, conforme o repórter pôde constatar em três ilhas. E se é verdade que em momentos mais acesos da fase de transição se registaram confrontações, elas foram determinadas pelos que intentavam aproveitar o 25 de Abril para o sonho patético neocolonialista.

A presença de Portugal em Cabo Verde é uma presença fraterna, hoje longe da dominação colonial. Anda-se no Mindelo e lá estão o «Café Portugal» e a «Rua de Lisboa»; fotógrafos e hoteleiros portugueses, há tanto fixados na ilha que o seu país de origem lhes é estranho; jornalistas portugueses, amigavelmente saudados; e multiplas expressões de duas culturas que de algum modo se fundiram.

Nem sombra de racismo. Para com o estrangeiro, apenas a muito cabo-verdiana «morabeza», afabilidade, também distante de qualquer subalternidade.

No programa do Governo, Pedro Pires apontara o povo de Portugal como um especial aliado, na tarefa de reconstrução nacional, e saudara as forças antifascistas. Hoje repetiu-nos:

Desde a nossa luta de libertação nacional, afirmámos e reafirmámos que não somos inimigos do Povo Português, antes pelo contrário, somos um seu aliado. Essa tem sido a nossa constante. Portanto, pensamos que não devemos tomar nenhuma posição que vá contra esse princípio. Estivemos e estamos abertos á cooperação com o Governo Português.

Estamos bastante satisfeitos com as relações existentes entre o nosso país e Portugal e entre os nossos governos, e pensamos que o Governo Português tem cumprido cabalmente todos os seus compromissos e tem assumido uma posição bastante simpática para connosco, seja nas nossas relações, seja também no plano internacional.

Vamo-nos esforçar para que essa cooperação se desenvolva, e para isso há uma vontade política de ambas as partes.

Assinale-se que uma delegação da Marinha Mercante portuguesa visitou recentemente Cabo Verde. Em breve deslocar-se-á á Praia uma comissão para discutir a cooperação cultural.

Portugal é o país onde estudam mais cabo-verdianos, mercê de acordos, que nos foram enumerados pelo director nacional da Educação. O Governo Português prestou, por outro lado, um avultado auxílio financeiro a Cabo Verde, aquando da independência, o qual foi destinado, na sua maior parte, á prática dos preços políticos.

Cordiais e fraternas são, pois, as relações entre Cabo Verde e Portugal. Conforme Aristides Pereira nos sublinhou:

Em primeiro lugar, desejo salientar a maneira como se desenrolaram as negociações para a independência da nossa terra e que foram um caso único na descolonização portuguesa. Isso, quase só por si, já caracterizou o tipo de relações entre Portugal e Cabo Verde, que posteriormente se reforçaram no interesse mútuo dos nossos dois povos.

Não podemos falar de uma maneira formal, mas prática, e também aí ambos estão empenhados em dar uma forma mais eficaz a essas relações.

Existindo dos dois lados, como existe, uma vontade em seguir esse caminho, não tenho dúvidas de que o conseguiremos.

A solução do problema das minas da Painsqueira é um exemplo da vontade que existe de resolver as questões numa base de solidariedade e amizade.

As FARP na defesa do país

Cabo Verde é um território onde só actuam as nossas Forças Armadas e jamais albergará militares estrangeiros ou será base de agressão. Quem nos diz isto é o ministro da Defesa, Silvino da Luz, combatente prestigiado do PAIGC.

Ao acentuar o não alinhamento do país, o ministro realça o facto de Cabo Verde não ter contraído, com outros países, qualquer acordo militar. As Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP) nasceram na clandestinidade e integram jovens, a partir dos 18 anos, em regime de voluntariado, muitos dos quais foram instruídos por oficiais portugueses, no decurso ainda da fase de transição para a independência.

Em termos políticos, as FARP são «o braço armado do Partido». Para além das tarefas de segurança, os militares empenham-se em tarefas de consciencialização das populações e fortalecimento da economia (limpeza das ruas, plantação de árvores na campanha contra a desertificação). Existem quartéis em Santiago, S. Vicente, Fogo e Sal. A estrutura orgânica baseia-se em comandantes e combatentes, algo longe da hierarquia tradicional noutros corpos militares.

Há também um corpo de milícias populares que, para além de preparação para-militar, desenvolvem trabalho junto das populações das ilhas.

Do Ministério da Defesa está dependente a Direcção Nacional de Segurança e Ordem Pública.

Esta acaba de desmantelar uma rede que visava criar disturbios e, longinquamente, derrubar o Governo do PAIGC. Conforme veremos na seguinte e última reportagem.

Mensagem de Aristides Pereira aos cabo-verdianos em Portugal

«Penso que aos nossos emigrantes interessa, fundamentalmente, conseguir encarar a independência como mais uma responsabilidade que adquirimos, nós todos, cidadãos cabo-verdianos.

Consequetemete, essa responsabilidade implica maior aplicação no trabalho, tendo em conta que tudo aquilo que fizerem em Portugal não diz respeito só a eles como também ao nosso país.

Que se elevem nos nossos compatriotas os sentimentos patrióticos.

Gostaria de reafirmar aos nossos compatriotas em Portugal todo o interesse e todo o carinho que o Governo dedica a todos os assuntos que lhes dizem respeito, tendo em conta as motivações que os levaram a emigrar e as ligações que os unem à terra.

O nosso trabalho aqui é, fundamentalmente, no sentido de um dia termos uma terra de onde não seja preciso emigrar e que mesmo na emigração todos tenham possibilidade de dar contribuição efectiva à obra de reconstrução nacional.

Nesse sentido, devem organizar-se para que possam ter orientações de modo a canalizar da melhor maneira a ajuda que todos querem dar», disse o presidente da República de Cabo Verde, em mensagem que enviou aos emigrantes do seu país em Portugal.

Verão 77
VIAGENS EM GRUPO
REINO DA DINAMARCA
UMA SEMANA SENSACIONAL
Venus all-ways SAS SCANDINAVIAN AIRLINES
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

as suas férias
VIAGENS EM GRUPO
SUÉCIA E DINAMARCA
8 DIAS PARA RECORDAR TODA A VIDA
Venus all-ways SAS SCANDINAVIAN AIRLINES
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Roménia e Bulgária
15 dias
tratamento geriátrico
Partidas todos os domingos de Junho a Setembro
em colaboração com a TAROM
peça informações a
MUNDIAL
AGÊNCIA MUNDIAL DE VIAGENS
R. do S. Marcal, 3-A tel. 575306 Lisboa
ou o seu Agente de Viagens

LAS PALMAS
PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL TAP
TODAS AS 3as FEIRAS
DE: 5 DE JULHO A 28 DE SETEMBRO
1 SEMANA
Preços excepcionais desde * 5.490$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sofa, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

MADEIRA
POR SOMENTE 4.500$
JÁ PENSOU PODER TER:
★ 5 dias de viagem
★ Transporte aerop./hotel/aerop.
★ Alojamento em hotel de 4 estrelas c/ banho
★ PENSÃO COMPLETA
★ Excursão a Porto Moniz c/ almoço
★ Excursão a Cabo Girão e Eira Serrado
★ Jantar típico (espetada)
★ Guia permanente da nossa agência
POIS ACREDITE QUE É VERDADE!
Inscreva-se já numa das nossas partidas: 11-7 — 15-7
Av. Liberdade 233 Tel. 536121 Lisboa 2
Europeia

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES
AVIÃO TAP AUTOPULLMAN, BONS HOTEIS ACOMPANHADAS POR DELEGADO
CIRCUITO dos 3 ALPES
Madrid-Zaragoza-Barcelona
Montpellier-Marselha-Nice
Milão-Pádua-Veneza-Cortina d'Ampezzo
Innsbruck Zurique-Lagos da Suiça
Partidas: 8/7 e 15/9
14 DIAS DE VIAGEM 16.650$ Tudo Incluído
CIRCUITO ALPINO
Salamanca-Madrid-Zaragoza
Barcelona-Montpellier-Genevi
Interlaken Zurique-Lagos da Suiça
Partidas: 11/7 e 15/9
11 DIAS DE VIAGEM 12.950$ Tudo Incluído
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sofa, 2 Telefs. 27011/2
LISBOA Av. da Liberdade, 160 Telef. 371341
FARO Rua Cons. Bivar, 65 Telefs. 25035/6

LONDRES 1 SEMANA
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS em avião especial TAP
SÉRIE «A» domingos
Maio 1, 8, 15, 22, 29
Junho 5, 12, 19, 26
Julho 3, 10, 17, 24, 31
SÉRIE «B» 5as feiras
Junho 2, 9, 16, 23, 30
Julho 7, 14, 21, 28
Agosto 4, 11, 18, 25
SÉRIE «C» 2as feiras
Agosto 1, 8, 15, 22
Preços excepcionais desde * 3.980$
* a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres mais barato graças aos voos especiais da abreu»
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sofa, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

António H. Castanheira
DOENÇAS DORACAO
Av. da Liberdade, 200, r/c. Dto
Telef. 54 88 19
RETOMA A CLINICA

UMA SEMANA na COSTA DEL SOL
desde 4.720$00
partidas semanais em jactos da IBERIA
uma organização de:
MERCURY
Av. da Liberdade, 161-163
Telefone 56 10 81/6 Lisboa
Braga-Av. da Liberdade 728-Telefone 22 9 44

Leia "Vida Rural"